

11-04-2022

MATÓPOLIS**Eguimar Felício Chaveiro**[Doutor em Geografia Humana - Livre-docente
da UFG/Universidade Federal de Goiás]

Debaixo de mangueiras de sombras femininas, regados de um vento úmido que despenteava os cabelos, os integrantes do grupo de estudo/pesquisa/orientação Dona Alzira, depois de uma reunião na Universidade, num sábado de sol fresco e generoso, encontravam-se na chácara “Feijoada do Marcão”.

A alegria proveniente da reunião, condizente às mangueiras, solicitou uma gelada.

- *Marcão, uma! Mais uma, Marcão!*

O contágio comemorativo dos integrantes ultrapassou a gelada.

As conversas disparatadas entre os membros fluíam numa espécie de tempestade amorosa. Parte da conversa roçava temas vigentes estendidos na paisagem: coletivamente olhávamos a caçada do galo à galinha no quintal do Marcão; mirávamos a comunicação sexual da vaca no pasto do vizinho; o papel curativo da lambida do cachorro. Outra parte da conversa recuperava, em tons brincantes, temas da lida acadêmica. Papo reto!

Numa dessas, alguém defendeu que a mais importante premissa geográfica consiste no seguinte: *“a experiência humana é inapelavelmente constituída espacial e territorialmente”*.

Com voz dialética outra pessoa disse: *“tanto o espaço é uma construção humana, como implica no ser humano que promove qualquer experiência”*. Milton Santos estava entre nós, debruçava-se alegremente entre as mangueiras do Marcão.

Os argumentos desceram vozes por meio de exemplos: o espaço é ativo e vivo porque está implicado na realização do parto, como nas lutas dos trabalhadores pressionando a indústria fordista.

No espaço, os trabalhadores fazem passeatas, ocupam terras, enfrentam as fronteiras impiedosas que lhes tiram o lugar de moradia. Ademais, o espaço é também ativo no modo como se erguem muros separatistas; nas guerras insanas; na maneira em que alpinistas escalam as montanhas e, inclusive, na imensa biblioteca de Buarque cheia de dicionários. Daquela biblioteca os olhos verdes fazem germinar canções e narrativas.

..... O papo se estendeu.

Alguém do grupo, franzindo a testa e puxando levemente os próprios cabelos, sentenciou: *“eu não suporto mais viver na metrópole”*. Outro, com graça e ironia, replicou-o: *“tudo bem, vamos colocar você no mato, deixar você lá sem os bares, cinema, teatro; sem as possibilidades dos encontros...”*.

Com mãos no copo vibrando com a dança do vento despenteando os cabelos já despenteados, eu apresentei: *“o ser humano é um animal esfomeado de símbolos. Vamos de Antonio Candido: há uma relação misteriosa entre o senso de realidade e a necessidade de fantasia. É mato e metrópole...”*.

Foi quando eu e minha amiga Carol (Ana Carolina de Oliveira Marques), liderança nacional da geografia e integrante clássica do grupo Dona Alzira, a partir das minhas palavras, propôs a criação de um novo espaço que nem é apenas metrópole, nem é apenas mato: **Matópolis**. Os fios coerentes e entrançados entre a mangueira e a feijoada no sábado eram evocados como a magnífica combinação de brasilidade.

Em nós havia a irretorquível satisfação tropical.

Estávamos entre amor e feijão: **Matópolis**, onde a felicidade e o pé de porco são indiscerníveis. Depois de defender a tese que só é possível me conhecer debaixo de uma mangueira, ali mesmo começamos a esboçar o projeto desse espaço utópico: **Matópolis**, onde a experiência humana poderia se livrar dos ruídos, da violência e do desconforto ambiental das metrópoles, aproveitando, contudo, o que elas acumularam.

Ao mesmo tempo, aproveitaríamos a serenidade, o canto dos pássaros, a água limpa, a umidade do clima e a brincadeira da luz nas paisagens do mato. Eu e Carol cuidamos de formular o argumento: nem a delícia espacial (o mato) fora do mundo, nem o mundo execrado da delícia espacial (a metrópole).

Matópolis seria utopicamente a síntese da paz e do movimento. Da contemplação e da atitude. Do amor e da luta.

O esboço espacial de **Matópolis** não andou muito, nem se curvou ao esquecimento. Contudo, nos ajudou a envergar uma crítica espacial do mundo contemporâneo. Ao propormos esse espaço utópico nos foi possível, ainda, elaborar uma síntese: a sofisticação da metrópole desigual e patológica - e o mato destituído de símbolos e de relações - não nos servem.

Se a experiência humana é constituída espacial e territorialmente - e o espaço implica na experiência humana, ela toda - o centro da questão é reconhecer as determinações sociais da espacialidade patológica, tanto das metrópoles como do campo. Sabemos que nas metrópoles o próprio espaço se traduz como violento, segregando, enlouquecendo, acelerando ao máximo o corpo humano e o campo é intoxicado, desigual, desmatado. **Matópolis** é um espaço utópico, por isso, próprio para a saúde. Para ser constituído depende de outras determinações sociais. E há que se compreender: toda utopia tem em seu interior uma crítica àquilo que visa superar - refletimos. - *Marcão, por favor, a saideira!* ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.